

Ora, as transformações naturais se realizam pelo encontro fortuito, contingencial, mais ou menos prováveis das diversas series naturais.

E, nesse encontro, o movimento ordenado se decompõe em movimento desordenado, que aumenta e se desenvolve pela impossibilidade do simples ser físico organizar-se por si mesmo: *tal o sentido da lei da entropia.*

De fato, a energia térmica é a expressão do movimento desordenado, movimento em todos os sentidos e direções, ao contrario, por exemplo, do movimento de um raio luminoso ou de um corpo sólido. Caso um feixe de raios luminosos vá de encontro a um obstáculo, ou um corpo atinja o solo ou se encontre com outro corpo, parte da energia dos mesmos se desorganiza, transformando-se em calor. Os fons, que tinham uma direção determinada, se difundem em todos os sentidos; as moléculas do corpo, que se moviam, de bloco, numa direção, passam a mover-se, pelo choque, em todas as direções, produzindo-se a energia calorífica correspondente à energia luminosa ou cinética dissipada.

Na verdade, o movimento ordenado pressupõe uma inteligência que o ordene: *uma causa ordenadora.* E a inteligência, o ser físico não possui, em si, essa inteligência.

* * *

O homem, pelo seu espírito, pela sua inteligência, pela sua capacidade ordenadora. Mas essa capacidade só se realiza, só se realiza pelos meios físicos a que ele está sujeito, e que não pode superar.

O homem consegue, sem dúvida, organizar, para determinados sistemas de energia, como numa máquina.

feito repido de preposições

Na África Austral, quando missionarios alemães recém-chegados exortavam os boshimen a plantarem cerejas, a cultivarem os seus jardins e para tal lhes fornecerem ferramentas e instrumentos, receberam estranha resposta: aquilo para eles era "impossivel", porque significava uma violação dos seus costumes.

Mas esses casos são apenas exemplos... porque o mesmo, estudado com grandes detalhes por Levy-Bruhl, é geral, absolutamente geral, em grandes grupos de civilizações humanas.

E, assim, vemos tribus, tão velhas como os povos primitivos, continuarem hoje no mesmo estado de muitos séculos atrás: Prova de que a estrutura e as transformações da sociedade dependem, sempre, em última análise, do espirito humano, na sua existencia irreduzível aos materiais.

Não são as forças econômicas que determinam as forças espirituais; mas, ao contrario, as forças espirituais que determinam as forças econômicas. *sim*

Se deixarmos, porem, as civilizações inferiores, e voltarmos as nossas vistas para as grandes civilizações modernas, veremos como cada uma delas se distinguiu por um determinado setor cultural, e como o desenvolvimento das forças produtivas não exprimiu um desenvolvimento paralelo na arte, no direito, na filosofia, no commercio.

Observemos, por exemplo, o antigo Mediterraneo. O Egito sobressaiu, justamente, pela técnica, pelos engenhosos trabalhos de irrigação, pelo estudo das sciencias exatas, cultivadas e monopolizadas pela pequena casta sacerdotal, a classe dirigente, que se sustentava menos pelo poder das armas do que pelo prestigio espiritual e religioso. Roma distinguiu-se pelo Direito, que tão profunda influencia exerceu e

*pela predominância do espirito
nos elevamos de animal a
homem*

dos dois grandes grupos de loucos — os esquizofrênicos e os maniaco-depressivos, — afim de “localizar” a lesão que “deveria” existir nos mesmos. Entre tanto, chegaram à conclusão de que tinham o cerebro perfeitamente normal, apesar da influência hereditária nessas psicoses.

Só agora, trilhando um caminho oposto ao dos preconceitos materialistas, a psicologia, normal ou patológica, conseguiu grandes progressos. São Freud (tão grande psiquiatra como péssimo e disparatado filósofo), Adler, Young, Stekel, Bleuler, Kretschmer, etc., compreendendo que nas psicopatias se deve considerar não sómente perturbações corporais, mas, também, perturbações animicas *proprias*, irreduzíveis a fatos materiais, a lesões, ou mesmo, a perturbações fisiológicas funcionais.

Existem psicoses e neuroses *psicógenas*, nascidas de uma perturbação, de um traumatismo *originariamente* psíquico.

Daí, o tratamento de grande número de doentes do espírito, pela palavra, pela análise psicológica, por processos *especificamente* espirituais.

O organismo — a constituição do paciente — é apenas o *terreno* da floração da neurose ou da psicose, e, como tal, precisa ser tratado. Toda a psiquiatria moderna reconhece esse fato, essa realidade. Mas, por isso mesmo, a *semente*, o que vai germinar e desenvolver-se no terreno biológico em que se encontra, é o proprio espírito, a propria semente espiritual.

E, ainda no caso do cérebro ser atingido por um processo tóxico — endo ou exo-tóxico — os sintomas não se apresentam como puras e simples perturbações materiais. O espírito se manifesta, em casos tais, com

(1) no nível afirmativo de
pá por J. Mathéain.

lho, de modo a diminuir o custo da produção da mercadoria, para impô-la ao mercado, para mais facilmente vendê-la e maiores lucros conseguir, os salários e ordenados não se elevam proporcionalmente ao aumento da produção, até ficarem, num extremo, "alguns homens opulentos e riquíssimos", e, no outro, "a multidão imensurável de proletários", sob "um jugo que pouco difere dos escravos".

Nessas condições, formam-se as crises chamadas de superprodução: os armazens abarrotados de mercadorias, sem compradores, ao lado de milhões, morrendo a fome lenta. E a "solução" para a crise é a conquista de mercados exteriores. O capitalismo vive às custas de mercados não-capitalistas, capazes de absorverem a sua produção. Ele se expandiu com a abertura dos mercados do oriente e da América Latina, onde a produção capitalista era nula ou fraca. Sua historia é a luta entre seus grandes grupos, e, mesmo, entre seus grandes Estados, por novos mercados, novos "espaços vitais", luta cujo epílogo, não raro, é a guerra imperialista.

Por ocasião de uma das crises do capitalismo inglês, o famoso magnata Cecil Rhodes dizia, com clareza e sem rodeios: "*O Imperio é uma questão de vender. Se não quiserdes a guerra civil sede imperialista*".

A concorrência toma, nessa luta, proporções gigantescas, até se formarem, no século XX, os *trusts* e os *cartels*, que dominam os setores básicos da economia mundial. A livre concorrência é, então, substituída pelo monopólio. Os capitais da grande industria pesada unem-se ao grande capital bancario, sob a hegemonia do último, para formar o que Hildfeldings chamou de "capital financeiro", absorvendo as pequenas industrias ou impondo-lhes o implacável domínio.

As Aristotéles, em seu tempo, combatia o monopólio - (Política)